

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Guilherme Nascimento Gama

**A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DO
IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEF**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães.

Juiz de Fora
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Guilherme Nascimento Gama, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272076A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**, desenvolvido durante o período de setembro de 2025 a janeiro de 2026 sob a orientação de Raul Francisco Magalhães, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

GUILHERME NASCIMENTO GAMA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO : esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas

A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

Guilherme Nascimento Gama¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta as motivações que levaram a queda do governo Dilma Rousseff, bem como os fatores que permitiram o avanço da direita no país com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, buscando entender as relações políticas e os conflitos de interesses que marcaram a última década da política brasileira. Ademais, empenha-se em analisar os conceitos de ideologia e populismo, dando ênfase a suas dinâmicas na sociedade, contribuindo para a construção de narrativas e reconfiguração política em meio as tensões sociais e econômicas. A figura do líder carismático é discutida como meio mobilizador de massas e capitalizador de empatia da sociedade para com o ser político. Nos moldes da política contemporânea brasileira, são observadas as relações de interesses, estabelecidas por agentes políticos, que utilizam de instrumentos populistas para formular seus ideais e seus valores. A relevância da sociedade se evidencia ao provar nos mais simples atos que, o povo é quem legitima um líder, este, que só chega ao poder por suas estratégias e pelo voto popular.

Palavras-Chave: Democracia; Impeachment; Relações Políticas; Ideologia; Populismo.

1. INTRODUÇÃO

Frequentemente, nós brasileiros temos o costume de afirmar que conhecemos o Brasil politicamente. Essa percepção um tanto quanto superficial faz com que consequentemente o cultemos e desprezemos todos os aspectos fundamentais que ora contribuíram diretamente para as vastas transformações que moldaram o estado brasileiro até a democracia contemporânea, a qual temos e lidamos atualmente.

Democracia essa que precisa ser compreendida com tamanha integralidade, haja vista a necessidade de se debruçar a todo o processo histórico, desde o seu surgimento, desenvolvimento e a forma com a qual ela é aplicada dentro de nossa sociedade, suscitando, provocando impactos dos mais diversos. É preciso haver originalidade a partir do momento em que se almeja analisar em alto grau a democracia brasileira, partindo do ponto ao qual ela não pode simplesmente ser considerada e tratada como simples objeto de estudo, mas sim como materialidade que consequentemente se manifesta: seja por meio de mobilizações de cunhos sociais ou até mesmo na concretude da aproximação que se existe entre o direito de opinar e a participação social da população.

O Brasil tem como um de seus principais instrumentos democráticos a Constituição Federal de 1988. Constituição essa que, não apenas promulgada, conseguiu também estabelecer bases sólidas para a organização do Estado brasileiro. A Magna Carta de 1988 serviu como um grande marco cidadão, não somente pela sua tamanha estrutura, bem como a sua intenção de garantir direitos dos mais variados possíveis.

A dignidade humana passou a ser um relevante princípio, visto que, com a garantia de tantos reconhecimentos constitucionais, o cidadão deixou de ser um mero coadjuvante para ser um importante sujeito dotado de direitos, amparado por aquilo que o faz ser reconhecido como cidadão pleno de suas posições na sociedade brasileira. A consolidação de tantos direitos, de modo curioso, possui ponto de conflito com a realidade política

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: nascimento.guilherme@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães.

ca brasileira, uma vez que, avistamos cotidianamente as amplas e intensas disputas por poder político, muitas delas satisfazendo interesses de elites, que consequentemente nos mostra a disparidade de projetos de sociedade.

O jogo e a barganha política que existem na política brasileira faz retratar bem o contexto onde a democracia passa a se desenvolver em meio as disputas por poder, grande parte delas polarizadas.

É nesse enquadramento e conjuntura que podemos chamar atenção para a eleição presidencial do ano de 2010, onde Dilma Vana Rousseff foi eleita Presidente da República, sucedendo à época o ex-presidente e seu companheiro de partido, Luís Inácio Lula da Silva. Fato esse que, caracteriza firmemente a manutenção de um projeto de poder político. As narrativas que ora pregadas nesse contexto, foram alimentadas e ganharam forma justamente por todo o enredo político administrado pelo governo anterior durante os mandatos de Lula, onde se houve uma consolidação de agendas que seguidamente foram abraçadas e envolvidas por Dilma Rousseff em sua campanha e em seu mandato.

Entretanto, a continuidade e ampliação dessa agenda política dependia do impecável trabalho que precisava ser desempenhado pelo governo Dilma, uma vez que, herdou um projeto de país que bem se apresentou ao longo de anos, maiormente no que diz respeito a promoção de políticas sociais de distribuição de renda. Todavia, nem toda garantia de êxito é a longo prazo. Em meados de 2013 eclodiram no país uma série de manifestações, onde se constatou a grande insatisfação da população para com o governo, o que acabou culminando com a queda da aprovação da presidente.

O governo passou a sofrer fortes desgastes, alianças foram desfeitas, o apoio de parlamentares no Congresso Nacional foi se perdendo em meio a instabilidade que se deu ao longo desses episódios. O debate público se fortaleceu, o surgimento de figuras políticas de oposição ganharam espaço, principalmente aquelas que se aproveitaram do clima de descontentamento de grande parte da população brasileira para se apresentarem como alternativas ao futuro do país. Estava ali posto um grande desafio à presidente Dilma Rousseff: tentar conter sua tamanha reprovação, reerguer sua administração e resgatar a credibilidade que se desconstruiu ao longo de seu mandato.

Desse modo, busco em meu TCC, apresentar as motivações que causaram a queda do governo Dilma, o sentimento de mudança manifestado pela população brasileira por meio de atos e manifestações, e a redefinição do debate público. Partindo da compreensão de que o jogo político, em grande parte, é influenciado pela manipulação de ideologias. Nesse contexto, analisarei os eventos políticos que serviram de exploração, permitindo a ascensão e avanço da direita no país, culminando na eleição de Jair Bolsonaro enquanto principal liderança de oposição.

2. O DEBATE PÚBLICO E A INFLUÊNCIA DA IDEOLOGIA NA POLÍTICA BRASILEIRA

Governar um país é uma tarefa árdua, ainda mais ao ter de conciliar uma agenda política aos anseios de toda uma população. Nesse sentido, André Singer foi didático ao destacar que a presidente assumiu o país em um contexto de firme estabilidade econômica, onde se herdou o bom trabalho deixado por governos anteriores:

“Dilma sentou na cadeira presidencial tendo atrás de si um crescimento de 7,5% do PIB, uma taxa de desemprego de 5,3% e uma participação do trabalho na renda 14% acima da que havia em 2004.”
(SINGER, 2018, p.6).

Esse histórico deixado por seu antecessor dava a ela todas as condições possíveis para que seu governo pudesse agir com discernimento e calma na implementação de novas políticas e no desenvolvimento da economia. A então presidente, contava com a maior bancada da Câmara dos Deputados, o seu partido detinha um alto apoio e aprovação dentre o eleitorado brasileiro, ou seja, era viável a ela e a seu governo consolidar importantes avanços ao país, tendo em vista o ambiente político e econômico que se fazia presente naquele contexto.

O mandato de Dilma Rousseff iniciou-se em um contexto onde seu governo defrontou-se inicialmente com a segunda crise financeira internacional, que consequentemente trouxeram problemas a diversas economias mundiais que, com a desaceleração global passaram adotar políticas recessivas. Essa readaptação ao ambi-

ente político internacional fez com que o governo brasileiro buscasse meios de preservar sua economia e os vastos empregos, uma vez que, com esta crise internacional houve menor dinamismo do comércio internacional, o que desfavoreciam inúmeros países, inclusive o Brasil. Na busca por preservar a atividade produtiva interna, o governo passou a adotar uma política econômica com um viés mais intervencionista.

Ao longo dos primeiros anos do governo, ocorreu uma significativa redução na taxa básica de juros, o que permitiu um maior estímulo e investimento de empresas sob o Brasil. Além disso, um grande êxito da administração foi o de dar maior expressão ao BNDES, estimulando uma política industrial mais robusta, capaz de propiciar ao Brasil mais investimentos. Complementarmente, a criação de importantes programas por parte do governo com a intenção de fortalecer a atividade produtiva no país. Com a adoção de uma política industrial e econômica de caráter intervencionista, Dilma buscou agir com firmeza frente ao sistema financeiro.

Em 2013, com a alta da inflação acumulada e a previsão dos mercados sinalizando para o aumento de preços sobre produtos, o Banco Central agiu em descontração com a política econômica do governo, assim aumentando juros sucessivamente, o que comprometeu a administração da presidente e a possibilidade de maior dinâmica na economia e desenvolvimento. Em junho deste mesmo ano, manifestantes foram às ruas em tom de revolta e insatisfação com o governo. Suas escolhas, sobretudo na economia, trouxeram prejuízos não apenas ao país, mas custou a sua cadeira de Presidente da República. Figura em queda de popularidade, a presidente Dilma Rousseff precisou lidar com críticas do setor empresarial, da classe média, inclusive de pessoas adeptas ao espectro político de esquerda, que demonstraram insatisfação com o governo e suas tomadas de decisões.

Observo nesse sentido que, esses acontecimentos nos fazem considerar o quão relevante é a ideologia, a medida em que, a sociedade decide reagir perante ao que se enxerga na política. O ocultamento da realidade, ora promovido pela ideologia evidencia o quanto as informações e a percepção popular são filtradas, de modo que, se enxergue o domínio da ideologia sobre as formas de pensamento. Em contraposição a essa ideia de hegemonia ideológica, Marilena Chauí nos mostra que “uma ideologia não possui poder absoluto que não possa ser quebrado e destruído. Quando uma classe social compreende sua própria realidade, pode organizar-se para quebrar uma ideologia e transformar a sociedade” (CHAUÍ, 2008, p.24). Fica nítida então a noção de que, uma classe social ao reconhecer a realidade diferente daquela que é limitada pela ideologia, torna-se capaz de organizarem-se para quebrá-la.

Essa quebra se dá por meio das manifestações populares, dos atos públicos, das greves e mobilizações populares, onde a sociedade se engaja, podendo modificar o ambiente político, além de questionar o governo e seus sujeitos acerca do que não se aquiesce.

Considerando a postura reativa da sociedade com relação aos problemas políticos, econômicos e institucionais, é fundamental entender que o debate público se intensifica no sentido de se opor ao jogo político, que em grande parte é feito pela manipulação de ideologias, posto que, elas também se dão através de princípios, não apenas por fatores sociais. Essa dinâmica de manipulação ideológica é retratada, na medida em que Terry Eagleton busca mostrar essa ideia, fazendo apontamentos acerca:

“Já se disse, algumas vezes, que se as ideologias são conjuntos de crenças orientadas para a ação, então essa é uma das razões para sua natureza falsa, parcial e deformadora. Pode-se estabelecer aqui, em outras palavras, uma conexão entre o caráter “sociológico” da ideologia — o fato de que diz respeito a idéias ligadas bastante diretamente à prática social — e a questão epistemológica da falsidade dessas idéias. Segundo essa visão, uma cognição verdadeira do mundo desaba sob a pressão de certos interesses pragmáticos, ou é deformada pelos limites da situação da classe da qual se origina.” (EAGLETON, 1997, p.55).

Esses movimentos podem, por sua vez, serem interpretados como agentes reformadores, pois com suas práticas, queixas e objeções fizeram da ideologia e do governo, alvos de crítica e contestação, uma vez que, a sociedade neste ponto começa a ganhar voz e holofote.

A capacidade de se intervir nas discussões políticas fez com que a população fosse determinante nos sucessivos passos que se daria a política nacional brasileira.

Os anos de 2015 e 2016 são importantes demonstrações das grandes mobilizações populares, haja vista, o aumento significativo de manifestantes nas ruas. No ano em que se inicia o processo de impeachment, “em 15 de março de 2015, um milhão e 350 mil manifestantes tomaram as ruas das cidades brasileiras para protestar contra o governo de Dilma Rousseff. Um ano depois, novo protesto levava 3 milhões de pessoas para as

ruas para exigir o impeachment da Presidente” (TATAGIBA, 2018, p.114).

A reeleição de Dilma se deu de maneira acirrada em 2014, algo diferente do que se viu em 2010, onde o segundo turno presidencial mostrava uma larga diferença em percentual de votos entre a candidata petista e o candidato do PSDB, José Serra. A polarização que ao longo dos anos ganhou expressividade, teve sua influência no resultado final desta eleição. A presidente foi reeleita por uma margem muito curta de votos, o que surpreendeu a tantos que projetavam uma eleição tendenciosa a ela. Grande parte de seu eleitorado foi composto em sua maior parte por pessoas de baixa renda, o que justifica os resultados favoráveis na região Norte, sobretudo na região Nordeste, onde o PT e a esquerda possuíam um histórico de amplas vitórias.

Contudo, o resultado final das eleições não foram bem vistos e bem aceitos. O candidato Aécio Neves juntamente com seu partido, solicitou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para que fosse realizado um processo de auditoria, com a alegação de que não se havia confiança quanto a apuração de votos e à infalibilidade da urna eletrônica. O inconformismo do candidato derrotado causava estranheza, uma vez que, seu partido PSDB participou de todas as eleições presidenciais após a redemocratização e nunca houve uma judicialização sequer quanto ao resultado dos pleitos.

De maneira estratégica, passaram a ser construídos mecanismos de contestação da legitimidade do processo eleitoral, os quais contribuíram para enfraquecer o governo e criar narrativas propícias a culminar um processo de impeachment.

3. O PROCESSO DE RUPTURA INSTITUCIONAL E SUAS NUANCES

Enquanto as camadas da sociedade sofriam os impactos dos problemas econômicos ao longo do mandato da presidente Dilma, a mesma buscava contornar sua fragilidade frente à tamanha insurgência popular. Na política, alianças são essenciais para que se possa haver base sólida, que seja capaz de fornecer apoio, sustentação e governabilidade. Todavia, aqueles que não conseguem manter junto a si os seus próprios aliados, consequentemente acabam sofrendo com a distância e o isolamento de quem algum dia lhe apoiou.

Em meio a seu mandato, Dilma Rousseff promoveu um conjunto de saídas e trocas em ministérios e em autarquias federais, forçando a evasão de figuras que supostamente estiveram envolvidas em esquemas ilícitos, em especial, parlamentares que ocupavam a base. Membros do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) tiveram suas posições reduzidas no primeiro escalão do governo. O recrudescimento de uma oposição ao governo era inevitável, proporcionando a chefe do executivo federal um problema indigesto.

Havia quem percebesse a postura de Dilma em não ouvir seus aliados, nem mesmo o seu próprio padrinho e mentor político, Luiz Inácio Lula da Silva, como descreve André Singer:

“Dilma cometeu o erro elementar de brigar com a esquerda e a direita ao mesmo tempo, além de se distanciar de Lula, a única sustentação que lhe restaria numa situação como aquela. Diante das dificuldades, o ex-presidente adotou, como de hábito, a linha "dobro, mas não quebro". Orientou Dilma a reatar com o PMDB, acordando com Eduardo Cunha a participação do PT na Mesa da Câmara.

Aconselhou-a também a dar um papel de destaque a Michel Temer, talvez o Ministério da Justiça. O ex-presidente julgava que Temer não podia ficar ocioso e saberia conversar com o STF e a PF, em busca de um equacionamento para a Lava Jato. Sugeriu alocar o ex-governador da Bahia, Jaques Wagner, na Casa Civil, e manter Ricardo Berzoini nas Relações Institucionais, dois negociadores capazes de refazer as pontes com o Congresso.” (Singer, 2018, p.188).

Este episódio evidencia a incapacidade de Dilma Rousseff em preservar suas bases de apoio e garantir uma relação minimamente estável para que a presidente conseguisse governar com tranquilidade. Ao buscar seguir uma postura diferente da qual foi aconselhada a adotar, Dilma entrou em conflito com importantes setores da política, assim, comprometendo não só a si, bem como a sua governabilidade. Foi sugerido a presidente que, ela buscasse se aproximar e valorizar algumas figuras que detinham influência e que eram filiadas a partidos como o PMDB, a fim de reconstruir um diálogo mais sólido e harmônico com o Congresso Nacional, uma vez que, Dilma enfrentava dificuldades em articular e fortalecer sua própria base de apoio, além de garantir apoio no legislativo para aprovação de medidas e projetos de sua administração. Ao contrário de seu antecessor, a presidente

não possuía habilidade em articular com as forças existentes no Congresso Nacional, o que culminou em um agravamento das relações entre o executivo federal e o legislativo.

Na esfera econômica não foi diferente. A presidente em seu segundo mandato ousou em não seguir o que habitualmente transmitia em seus discursos ao longo da campanha. As medidas econômicas tomadas por sua administração em seu segundo mandato foram cruciais para uma ruptura com os compromissos assumidos durante a campanha. Optou-se por aderir uma plataforma econômica diferente daquela explanada aos seus eleitores em 2014. Singer aponta que:

“Na economia, Dilma decidiu fazer um arriscado cavalo de pau, partindo para o ajuste recessivo que jurara não realizar. Do ponto de vista da classe trabalhadora, foi uma tragédia, cujo custo ainda é difícil aquilatar enquanto este livro é concluído. Do ponto de vista político, a mandatária rompia com a base que lhe restava, conforme vimos no capítulo anterior. Numa eleição superpolarizada, Dilma fora eleita pelos pobres, que confiaram nas suas promessas. Ao traí-los, ficara sozinha. Foi advertida por interlocutores qualificados de que, ao optar pelo modelo neoliberal, estava caindo numa armadilha sem volta.” (SINGER, 2018, p.189).

Essas ações do ponto de vista político, provocaram insatisfações de aliados estratégicos, parlamentares de sua base de apoio e até mesmo de seus eleitores que confiaram em Dilma o seu voto. Em consequência, o isolacionismo a presidente se aprofundou passando assim, a sofrer fortes desgastes. O Brasil foi afetado com a perda de importantes investimentos, o desemprego crescia substancialmente, a confiança do setor empresarial se perdia em meio a uma crise que se instaurava.

Toda esta sucessão de fatos exprimem a ideia de que a presidente Dilma Rousseff agiu com a personalidade que uma devida liderança precisa ter, entretanto, não basta apenas ousar e agir, é preciso ser estratégica, demonstrar astúcia política, algo que ela não demonstrou. Como governar sem deter saber político? Afinal, “o poder pertence a quem possui o saber.” (CHAUÍ, 2008, p.31).

Apesar de sua formação em economia e sua participação no governo de seu antecessor como Ministra de Estado, a presidente não conseguiu se sustentar ao longo de seu segundo mandato.

4. O SENTIMENTO DE MUDANÇA COMO PEÇA-CHAVE PARA A TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

A direita, atenta aos fatos e ao momento conturbado, passaram a intensificar seus movimentos nas ruas, criando uma disposição a um processo de impeachment da presidente. A ampla adesão popular nas manifestações e o uso da mídia, fez com que se consolidasse na percepção da sociedade uma ideia de governo incapaz, frágil e isolado. Fato importante é que esse movimento tiveram como sustentação o direcionamento da opinião pública e os mecanismos estruturais de controle. Em observância ao pensamento crítico de Terry Eagleton o que se percebe é que:

“As classes dominantes têm a sua disposição inúmeras dessas técnicas de controle social "negativo", que são bastante mais prosaicas e materiais do que convencer seus sujeitos de que pertencem a uma raça superior ou exortá-los a identificar-se com o destino da nação.” (EAGLETON, 1997, p.42).

Com isso, fica evidente a estratégia da oposição em fazer uso de mecanismos para acentuar substancialmente a polarização política e reforçar a ideia de que a melhor alternativa para a superação dos problemas é o impeachment.

Além disso, parlamentares de partidos de centro até a direita formaram um ampla coalizão, se opondo ao governo e assim alimentando todo o enredo que levaria a presidente Dilma a enfrentar um processo de impeachment. Todo o processo ocorreu com base na justificativa de que Dilma havia cometido crime de responsabilidade, onde a acusação se concentrou em argumentar acerca das “pedaladas fiscais” e dos decretos de crédito

suplementar que na alegação destes, foram editados pela então presidente antes que o Congresso Nacional pudesse aprová-los. Com a concretização do impeachment da presidente, o seu vice Michel Temer, que ocupara a linha de sucessão, assumiu a Presidência da República.

O Partido dos Trabalhadores (PT) enfraquecido com os sucessivos problemas e desgastes acumulados ao longo de seus governos, passam a se movimentar, a fim de recuperar a credibilidade política perdida perante a sociedade brasileira. O sentimento antipetista crescia, a medida em que a direita buscava ocupar espaço em meio as tensões político-sociais no Brasil.

Fato é que, a polarização entre petismo e antipestismo, como bem diz André Bello, se dá pelos motivos aos quais o PT é a peça central desse processo polarizador ao nível de identificação partidária, ao contrário, em função das noções negativas que o partido obteve ao longo dos anos. (BELLO, 2019)

Para mais, Bello menciona que:

“ O Brasil, principalmente nos últimos anos, tornou-se um campo fértil para os sentimentos antipartidários, em que os cidadãos rejeitam todos os partidos políticos, e para a existência de dois fenômenos: o petismo e o antipetismo. Isso deve-se em razão do PT ser o único partido, desde a redemocratização, a disputar todas as eleições presidenciais de segundo turno, o partido que mais tempo ficou no poder e o qual apresenta os maiores índices de identificação partidária. Sentimentos positivos e negativos brotam sobre o PT devido a sua trajetória política. O petismo pode ter produzido, ao longo da história recente do país, o antipetismo. ” (BELLO, 2019).

O acirramento do debate político faz com que se enxergue a quebra de hegemonia que um dia já existiu pelos governos petistas e, pavimenta o caminho para que novas figuras, sobretudo as de oposição “surfem” no ambiente político, já que o sentimento de mudança por parte da sociedade era intenso e perceptível. O momento era mais do que propício para aquelas figuras que buscavam reconstruir a seu modo as próximas narrativas políticas.

A operação Lava Jato, inclusive, foi utilizada como instrumento para produzir sentido político, sendo ela ponto central para construção de narrativas contra o Partido dos Trabalhadores (PT), contra Dilma, Lula e a esquerda.

Percebe-se o quanto a Lava Jato foi determinante para deslegitimar projetos políticos no país, a partir da idéia posta e compartilhada por Singer que argumenta por considerar a operação Lava Jato decisiva. “A Lava Jato, com a participação fundamental dos meios de comunicação, criou fatos que mobilizaram e radicalizaram a classe média em torno da acusação de que Lula, Dilma e o PT formavam uma organização criminosa que precisava ser extirpada da vida política. A mobilização criada pela Lava Jato assegurou a maioria parlamentar que derrubou Dilma, passo sine qua non para despedaçar o lulismo.” (SINGER, 2018, p.221).

Verifica-se, desse modo, a potencialização da operação Lava Jato por meio da mídia, ao qual ela operou não apenas como transmissor de fatos e acontecimentos, mas como também, um forte mecanismo para condenar as ilicitudes e os crimes políticos no Brasil. A imensa exposição midiática trouxe à tona o elemento da corrupção como prática política no país, escancarando algo que por óbvio ocorre nos bastidores mas quando exposto e descoberto, causa perplexidade e descrença de que a política possa prover desenvolvimento a uma nação e honestidade na esfera pública para com a população. A interpretação de André Singer confirma o ordenamento de toda a narrativa, ora voltada ao processo de investigação da Operação Lava Jato:

“Desde o início, a Lava Jato estabeleceu uma potente aliança com setores da mídia, os quais em diversas oportunidades deram apoio explícito à investigação. Em contrapartida, os veículos tiveram material para alimentar o noticiário por, ao menos, quatro anos.

Processos como o da Lava Jato, além de terem efeitos políticos indiretos, podem gerar intervenções diretas por parte dos atores envolvidos.” (SINGER, 2018, p.226).

O Partido dos Trabalhadores (PT) bem como seus filiados políticos passaram a ser amplamente afetados pelas investigações, como categoricamente destaca André Singer, o magistrado Sérgio Moro passou a investigar os agentes políticos de maneira continuada, até quem em meados de 2017, “Moro condenaria Lula a

nove anos e seis meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá.” (SINGER, 2018, p.250).

Este seria um enorme triunfo na percepção dos idealizadores da operação Lava Jato, que se empenharam por longevos anos combater e punir os que praticavam crimes neste país.

5. A ASCENSÃO DA DIREITA E O USO DE MECÂNIISMOS PARA MOBILIZAÇÃO DE MASSAS

O percurso histórico desta década propiciou ao Brasil o que há de mais conturbado no contexto político, social, institucional, uma vez que, repercussões acerca do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, as sucessivas crises institucionais, a prisão do ex-presidente Lula e demais políticos representaram um capítulo amargo para a democracia e para a estabilidade política. Estava ali instaurado um novo problema: recuperar a credibilidade da sociedade perante as instituições.

2018 passou a ser um ano em que os discursos exalados tinham como intenção resgatar a confiança perdida. Nesse sentido, políticos de oposição a esquerda começaram a emergir no cenário presidencial à época. Faço então, destaque a Jair Bolsonaro, que como deputado federal naquele período pôde acompanhar na íntegra todos os desdobramentos da política, tendo em vista sua atividade como parlamentar, o que implicava a ele participar de sessões no Congresso Nacional.

Esta figura, não era a mais popular e a mais conhecida, entretanto, era a que mais chamava a atenção pelas estratégias que adotava para enraizar suas idéias ao povo. É importante aqui enfatizar que o contexto retratado dava a Jair Bolsonaro todo o conforto para se auto-promover como alternativa política para a população diante dos problemas aos quais a sociedade enfrentava. Portanto, era um grande trunfo, que consequentemente foi utilizado para desmobilizar o ambiente de incerteza, ceticismo e até mesmo desabono das pessoas.

Assim aconteceu, Bolsonaro como nome da extrema-direita, se lança a disputa presidencial adotando um discurso baseado no antipetismo, no combate firme a corrupção, na defesa da operação lava jato, nos valores familiares, na defesa do desenvolvimento nacional e no apêgo aos valores religiosos e cristãos. Sua idéia política foi articulada aos interesses da sociedade, a fim de não se perder os valores morais dos indivíduos. Aliado a esses componentes, se destaca a postura carismática e o populismo de Jair Bolsonaro, que angariou a simpatia dos insatisfeitos e uma camada expressiva da população.

Roberto Bobbio em seu Dicionário de Política, no verbete sobre carisma, busca conceituá-lo à partir do pensamento apresentado por M. Weber, onde a figura de um líder é mais do que essencial para a análise:

“I. CONCEITO CLÁSSICO DE CARISMA. — O conceito sociológico clássico de Carisma foi apresentado por M. Weber para caracterizar uma forma peculiar de poder. Este primeiro conceito analisa a existência dos líderes, cuja autoridade se baseia, não no caráter, sagrado de uma tradição nem da legalidade ou racionalidade de uma função, mas num dom, isto é, na capacidade extraordinária que eles possuem. Estes dons excepcionais se impõem como tais no anúncio e realização de uma missão de caráter religioso, político, bélico, filantrópico, etc. Aqueles que reconhecem este dom, reconhecem igualmente o dever de seguir o chefe carismático, a quem obedecem segundo as regras que ele dita, em virtude da própria credibilidade do Carisma e não em virtude de pressões ou de cálculo. Mais, a influência do Carisma nasce e perdura, se a missão é deveras cumprida, isto é, se oferece provas eficazes e úteis, capazes de robustecer a fé dos seguidores. Toda a expressão do processo carismático, as novas regras, a força, as provas que demonstram a legitimidade do Carisma e da missão se colocam, de modo revolucionário em relação à situação institucionalizada, mediante uma experiência social que exige conversão (me-tanóia) nas atitudes e comportamento dos seguidores, como do próprio chefe. Assim esboçada, a situação carismática é, ao mesmo tempo, forte e lábil. Seus limites se vão configurando à medida que surge a conveniência de dar uma estrutura permanente, formalmente organizada, ao papel do chefe, dos seguidores e sucessores.” (BOBBIO et al, 1998, p.149).

O conceito de carisma pode ser utilizado para caracterizar a forma com a qual Jair Bolsonaro era visto e tratado, onde ele era bem visto por aqueles que o seguia. O candidato para seus adeptos representava a renovação política, aliado ao episódio da facada, passou a ser percebido com alguém destinado a cumprir uma suposta missão divina, levando a interpretações de que ele se eleito fosse, cumpria uma missão dada por Deus. Quer queira quer não queira, Bolsonaro foi capaz de mobilizar uma maioria ampla no eleitorado brasileiro, o que justifica seu bom desempenho no pleito eleitoral.

Bobbio (1998) esclarece inúmeras condições às quais o carisma de uma liderança é identificado. Como resumiu Bobbio:

“Na tentativa de distinguir as condições típicas do aparecimento dos fenômenos carismáticos, os estudos têm-se concentrado na análise de vários tipos desse processo. Nos casos em que aparece em evidência o líder e o plano de salvação por ele proposto, a gênese do fenômeno tem sido vinculada ao pavor coletivo de um povo, de uma minoria religiosa ou étnica a estados de total insegurança e de angústia generalizada, diante dos quais o carismático é visto como um salvador. Ele é acolhido como portador da segurança fundamental, da esperança, do fim do sofrimento, embora este, ao cabo, possa ter uma expressão de dimensões apocalípticas, de destruição em termos sociais, de morte física. Estes fenômenos estão associados a condições de falta de modernização política e econômica e a êxitos de caráter totalitário, ditatorial. Nas sociedades modernizadas, bem articuladas e complexas, se verificou, porém, que os fenômenos carismáticos se manifestam mais freqüentemente através de grupos e movimentos, surgindo de âmbitos produtivos e reprodutivos delimitados, subculturas, instituições reguladoras de determinados setores da sociedade. É daí que eles emergem para indicar carismaticamente alternativas radicais, não circunscritas ao próprio âmbito ou instituição, partindo da existência de particulares condições de desigualdade, de sofrimento, de insatisfação, condições em si recorrentes nas sociedades, podendo ser consideradas como próprias das fases normais de desenvolvimento das contradições sociais. Embora o fato carismático seja em si imprevisível, as sobreditas precondições, menos gritantes, estão, sob esta perspectiva, presentes, com maior ou menor amplitude, em numerosos e diversos pontos das estruturas, muito mais do que se supôs nas primeiras teorizações.” (BOBBIO et al, 1998, p.149).

Um líder obtém a aceitação das pessoas em momentos complexos, como os evidenciados no Brasil. A insegurança e o medo fazem com que a sociedade busque meios de superá-los. Essa superação se dá pelo acolhimento a um líder, este, dando sentido ao desejo de superação e renovação.

Do mesmo modo que um líder carismático é bem quisto, ele também é voz daqueles que antes não se sentiam representados. Essas características fazem com que se pense no populismo também, onde um líder fala para grandes massas, essas conseqüentemente, descontentes com o ambiente aos quais estão submetidas a viveram. É a partir daí, que a figura do político populista emerge, entoando a sociedade aquilo que eles querem ouvir.

Como é enfatizado por Julia Moraes Rodrigues em suas discussões sobre o populismo em seu artigo:

“O desencanto generalizado com a política tradicional e a perda de confiança nas instituições democráticas abrem espaço para o populismo. Quando os cidadãos percebem a falta de representatividade e eficácia nas estruturas políticas convencionais, estão mais inclinados a buscar alternativas populistas. As mídias sociais desempenham um papel significativo no surgimento e na propagação do populismo. Líderes populistas, especialmente de extrema direita, aproveitam as plataformas digitais para se comunicar diretamente com o público, contornando a mediação tradicional da imprensa. Essa abordagem permite a construção de narrativas simplificadas e a criação de uma base de apoio fervorosa.” (RODRIGUES, 2024, p.15).

As diferentes perspectivas fazem parte de um conjunto de características aos quais a população brasileira as detém. Unidas a todas variáveis retratadas, concluo que, as eleições presidenciais que deram a vitória a Jair Bolsonaro em 2018 como Presidente da República foram resultantes para que o populismo ganhasse forma e ascendesse com maior intensidade no país, além da drástica mudança no espectro político dos eleitores, que neste sentido, polarizando o debate público e quebrando a hegemonia petista com a vitória a Jair Bolsonaro, que representava a direita brasileira no pleito eleitoral.

6. CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se deteve a analisar de maneira cuidadosa todo o percurso político brasileiro recente, dando atenção e ênfase aos eventos que retrataram a eleição vitoriosa primeira mulher eleita presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em 2010; seu impeachment; bem como o contexto que favoreceu a ascensão da direita brasileira e de Jair Messias Bolsonaro, eleito presidente em 2018.

Nota-se que governar é um ato de coragem, porém, exige sabedoria, astúcia, estratégia e preparo para lidar com os desafios que acabam por surgir nos momentos mais desafiadores. As escolhas feitas por um presidente geram impactos nas esferas políticas e sociais de um país, ora trazendo crescimento e estabilidade, ora promovendo insatisfações, o que é comum em uma democracia como a nossa. Decisões muitas das vezes podem consolidar avanços, como podem causar sérios problemas, a ponto de colocar um governo em ruínas, como se viu ao longo dos mandatos de Dilma.

Verifica-se uma grande escalada nas relações entre o governo e o Congresso Nacional, a medida em que se observa os índices econômicos, as trocas promovidas por Dilma Rousseff no alto escalão do governo como tentativa de reverter situações que ameaçavam a continuidade de sua administração. A sua escolha por retirar membros do PMDB de ministérios importantes e estratégicos, colocaram em evidência a intenção de limitar o papel do partido aliado na administração petista. Um governo se sustenta por suas ações, sobretudo por apoios logrados, em contraste a isso, percebe-se a desconstrução de apoios tratados como cruciais, que acabou por enfraquecer a base de apoio da presidente. A inevitável crise institucional tornou inviável a continuidade de Dilma Rousseff como Presidente da República.

A necessidade de mudança expressa no sentimento da sociedade permitiu que novas figuras do meio político emergissem, trazendo consigo estratégias que exploravam a insatisfação popular, construindo narrativas ligadas a renovação política do país, o que cativou a população.

Foi o que fez Jair Bolsonaro, tendo êxito em se conectar com as massas, adotando uma sólida estratégia de comunicação e se colocando como candidato de oposição ao petismo, o que no final das contas o levou a Presidência da República.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, André. **Petismo vs. antipetismo: evidências da polarização política**. In: 5º WORKSHOP SOBRE COMPORTAMENTO POLÍTICO E OPINIÃO PÚBLICA, 5., 2019, Goiás. Anais. Goiás, 2019. p. 1–26.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Boitempo, 1997.

RODRIGUES, J. M. **Uma análise sobre o uso acadêmico do conceito de populismo após a ascensão da direita no Brasil (2018–2020)**. 2024.

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011–2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TATAGIBA, Luciana. **Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff**. Lusotopie, v. 17, p. 112–135, 2018.